

## **FIGURAÇÃO, INTERDEPENDÊNCIA E NEOLIBERALISMO: uma leitura eliasiana do trabalho plataformizado dos entregadores de aplicativo**

Larisse Viana Gomes (UFC), Larisseviana25@gmail.com

### **RESUMO**

O trabalho analisa o trabalho dos entregadores de aplicativos como uma expressão das transformações contemporâneas do capitalismo sob a racionalidade neoliberal. Apresentados pelas empresas-plataforma como trabalhadores autônomos e empreendedores de si mesmos, esses sujeitos vivenciam, na prática, condições marcadas por precarização, instabilidade e mecanismos sofisticados de controle, o que evidencia a contradição entre o discurso da autonomia e as condições concretas de trabalho. A relevância do estudo reside na necessidade de compreender essas dinâmicas para além de abordagens individualizantes, incorporando uma análise das relações sociais e das assimetrias de poder que estruturam o trabalho plataformizado. Com base em uma abordagem teórico-analítica, o artigo mobiliza os conceitos de figuração e de relações de interdependência, desenvolvidos por Norbert Elias, articulando-os a contribuições críticas sobre a racionalidade neoliberal. A metodologia consiste na revisão e análise crítica da literatura sociológica sobre trabalho, neoliberalismo e plataformização, buscando aplicar categorias clássicas da sociologia à compreensão de um fenômeno contemporâneo. Argumenta-se que a aparente autonomia atribuída aos entregadores encobre uma figuração social específica, historicamente situada, na qual plataformas digitais, algoritmos, consumidores, Estado e os próprios trabalhadores se articulam em cadeias complexas de interdependência desiguais. Nessas cadeias, os diferentes agentes ocupam posições assimétricas de poder, resultando em formas renovadas de subordinação e controle que operam tanto no plano econômico quanto no plano subjetivo. Conclui-se que, mesmo em contextos de aparente individualização extrema, o trabalho dos entregadores permanece estruturado por relações de interdependência social, o que permite tensionar a narrativa dominante sobre autonomia e empreendedorismo no trabalho plataformizado.

**Palavras-chave:** Trabalho plataformizado; Figuração; Racionalidade neoliberal.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho dos entregadores de aplicativos tem se consolidado como uma das expressões mais emblemáticas das transformações contemporâneas do capitalismo, especialmente no contexto de avanço da racionalidade neoliberal. Apresentados pelas empresas-plataforma como trabalhadores autônomos, livres e empreendedores de si mesmos, esses sujeitos se inserem, na prática, em relações marcadas por intensa precarização, instabilidade e sofisticados mecanismos de controle. A contradição entre o discurso da autonomia e as condições concretas de trabalho tem sido amplamente discutida por estudos no ramo da sociologia do trabalho, sobretudo a partir do teoria crítico, que enfatiza a intensificação da exploração e a transferência dos riscos para os trabalhadores.

Este artigo propõe contribuir para esse debate a partir de uma abordagem teórico-analítica ancorada na sociologia de Norbert Elias, mobilizando, em especial, os conceitos de figuração e de relações de interdependência desenvolvidos pelo autor. Parte-se do pressuposto de que tais categorias oferecem ferramentas analíticas potentes para compreender o trabalho plataformizado, contribuindo para o debate crítico ao iluminar dimensões relacionais e subjetivas frequentemente menos exploradas nas análises do trabalho, permitindo evidenciar as redes de dependência e as assimetrias de poder que estruturam as relações sociais nas quais os entregadores de aplicativos estão inseridos.

A partir dessa perspectiva, argumenta-se que a aparente autonomia atribuída a esses trabalhadores encobre uma figuração social específica, historicamente situada, na qual plataformas digitais, algoritmos, consumidores, Estado e os próprios entregadores se articulam em cadeias complexas de interdependência. Nessas cadeias, os diferentes agentes ocupam posições desiguais, o que resulta em formas renovadas de subordinação e controle que operam não apenas no plano econômico, mas também no plano simbólico e subjetivo.

O objetivo central do artigo é, portanto, discutir como os conceitos eliasianos de figuração e interdependência podem iluminar a compreensão do trabalho dos entregadores de aplicativos no contexto da racionalidade neoliberal. Para tanto, o texto organiza-se em três momentos principais: inicialmente, apresenta-se uma síntese dos conceitos fundamentais da obra de Norbert Elias; em seguida, discute-se o avanço do neoliberalismo e suas implicações para as transformações recentes do mundo do trabalho, com ênfase na plataformização; por fim,

analisa-se o trabalho dos entregadores de aplicativos à luz dessas categorias, evidenciando como os processos de subjetivação, autocontrole e concorrência se articulam às relações de interdependência e às assimetrias de poder próprias dessa figuração social.

## **2. CONCEITO DE FIGURAÇÃO E INTERDEPENDÊNCIA NA OBRA DE NORBERT ELIAS.**

Este trabalho, parte-se, da premissa central de Norbert Elias que os seres humanos são interdependentes e só podem ser compreendidos a partir das figurações que constituem a vida social. Para tanto, como sintetizado acima, os indivíduos não podem ser compreendidos como uma unidade abstrata separada da vida social, mas precisam ser abrangidos a partir de um entrelaçamento dinâmico entre as pessoas e a sociedade.

Nesse sentido, embora seja possível empregar o termo “figuração” para designar formas presentes na natureza como estrelas ou plantas, apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros, uma vez que somente eles estabelecem relações sociais marcadas por interdependência, poder e conflito (ELIAS, 2006, p. 25).

Para tanto, as “figurações” para Elias, não devem ser compreendidas como estruturas fixas ou estáticas, mas como processos históricos. Elas podem apresentar diferentes graus de estabilidade, atravessar tensões, transformar-se ou mesmo se desintegrar ao longo do tempo, sem que isso as torne menos relevantes do ponto de vista sociológico. Ao contrário, é justamente o caráter processual e mutável das figurações que permite à sociologia apreender as transformações das relações sociais em contextos históricos específicos.

Nesse sentido, Elias reforça que essas dependências mútuas entre as pessoas nunca se manifestam da mesma maneira em todos os momentos ou fases do desenvolvimento das sociedades. À medida que as formações sociais se tornam mais diversificadas e estratificadas, as cadeias de interdependência tornam-se mais longas e complexas, alterando as formas de controle social, de poder e de regulação do comportamento (ELIAS, 2005).

No que se refere às relações de interdependência, Norbert Elias critica a ideia segundo a qual o indivíduo existiria primeiro e apenas posteriormente ingressaria na sociedade. Para o autor, tal concepção é equivocada, pois desconsidera que a própria constituição do indivíduo ocorre no interior das relações sociais. Nesse sentido, parte-se da compreensão de que a luta individual por satisfação, reconhecimento ou sobrevivência é, desde o início, profundamente

social. Cumpre ressaltar que o indivíduo nasce inserido em relações de dependência, como a família, a linguagem e o cuidado e jamais se desvincula completamente delas ao longo da vida.

Elias também nos conduz a questões centrais ao destacar que a dependência entre os seres humanos não é apenas econômica ou funcional, mas igualmente emocional e afetiva. Essa dimensão evidencia que as relações de interdependência são mais profundas e abrangentes do que aquelas que serão diretamente analisadas neste ensaio. Os sujeitos sociais constroem vínculos que ultrapassam a materialidade imediata, encontrando-se ligados a símbolos e referências coletivas que carregam forte conteúdo emotivo, como bandeiras, brasões, instituições ou ideias compartilhadas, as quais contribuem para a formação de identidades e sentimentos de pertencimento (ELIAS, 2005, p. 151).

No presente trabalho, a relação entre interdependência, economia e vida social será retomada de forma mais precisa. Entretanto, faz-se fundamental destacar que as interdependências não são fixas nem universais: elas se transformam historicamente conforme as sociedades se modificam. À medida que as formações sociais se tornam mais diversificadas e estratificadas, alteram-se também as formas de dependência recíproca entre os indivíduos (ELIAS, 2005).

A partir dessa perspectiva, é possível compreender que quanto maior a divisão social do trabalho, maior tende a ser a dependência mútua entre os sujeitos, assim como a necessidade de autocontrole e de regulação do comportamento. Quanto mais interdependentes nos tornamos, mais internalizamos normas sociais, expectativas coletivas e padrões de conduta, que passam a orientar nossas ações cotidianas de maneira quase imperceptível. Esse processo evidencia como as transformações estruturais da sociedade incidem diretamente sobre a vida subjetiva e relacional dos indivíduos.

### **3. AS TRANSFORMAÇÕES ECONOMICAS DO CAPITALISMO E A REACIONALIDADE NEOLIBERAL.**

As diversas transformações ocorridas no capitalismo no último período impactaram diretamente o mundo do trabalho. Com a crise do padrão de acumulação taylorista-fordista, no início dos anos 1970, somada à desconfiguração do Estado de Bem-estar social e à crescente instabilidade do keynesianismo, emergiu uma nova ideologia denominada neoliberalismo, responsável por desencadear um amplo processo de reestruturação produtiva do capital

(ANTUNES, 2002). Trata-se de uma política reacionária, ancorada em uma ideologia conservadora e mascarada de moderna, que visa intensificar a exploração do trabalho e, consequentemente, ampliar os lucros do capital (CAVALCANTI, 2020).

Christian Laval (2019) sustenta que o capitalismo não se limita a um modo de produção de mercadorias, mas opera também como um processo de subjetivação. Para o autor, o sujeito neoliberal é produzido por dispositivos próprios dessa racionalidade, cuja base central é a concorrência generalizada. Esses dispositivos atravessam o cotidiano e induzem os indivíduos a se perceberem e se conduzirem como competidores permanentes, responsáveis por seu próprio desempenho e sucesso. Trata-se de um movimento no qual a lógica da competição passa a organizar não apenas a economia, mas também as formas de pensar, agir e sentir, configurando aquilo que Laval denomina subjetivação neoliberal.

É nesse contexto que, com o avanço da ideologia neoliberal, ocorre uma reorganização da divisão internacional do trabalho, combinando novas e velhas formas de exploração. Surge, assim, o trabalho “uberizado” ou “plataformizado”, enquanto modelo característico do capitalismo financeiro pós-fordista. Esse fenômeno nasce de um processo no qual as relações de trabalho tornam-se cada vez mais individualizadas e fragilizadas, ao passo que o discurso da prestação de serviços ganha fôlego como uma suposta alternativa ao trabalho assalariado tradicional (ANTUNES, 2020).

Desse modo, fortalece-se a ideologia segundo a qual o sujeito deve se compreender e se constituir como uma verdadeira empresa de si mesmo. Nessa lógica, cada indivíduo passa a ser responsável por gerir sua própria trajetória como se administrasse um negócio, investindo continuamente em si, assumindo riscos e buscando maximizar resultados (LAVAL, 2019). Esses mecanismos de subjetivação manifestam-se, inclusive, nas transformações da linguagem cotidiana: já não se fala em “empregados” ou “subordinados”, termos que remetem a vínculos de dependência e hierarquia, mas em “autônomos”, “parceiros” ou “empreendedores de si mesmos”. Essa mudança discursiva não é neutra, pois contribui para naturalizar a responsabilização individual e obscurecer as relações de exploração e subordinação que seguem estruturando o mundo do trabalho.

Entretanto, para que essa racionalidade neoliberal se mantenha e se reproduza, não basta apenas o mito do empreendedor ou a difusão de propagandas que exaltam a mentalidade

empreendedora. Esses elementos, por si sós, seriam insuficientes. É fundamental que diferentes esferas das instituições sociais atuem de forma articulada para enraizar esse modo de pensar e agir, entre elas a escola. No espaço escolar, os jovens são progressivamente estimulados a internalizar valores como desempenho, competitividade e autogestão, muitas vezes sob o discurso da cooperação e da inovação. Assim, o “eu” passa a ser concebido cada vez mais como um negócio a ser valorizado e rentabilizado. Essa lógica integra um projeto mais amplo, expresso tanto na atuação de conglomerados educacionais quanto na incorporação dessas concepções no ensino público (LAVAL, 2004).

Desse modo, o discurso de que os trabalhadores seriam meros prestadores de serviços, dotados de autonomia e liberdade, é sustentado por uma lógica de gestão empresarial própria do neoliberalismo, que individualiza cada vez mais as relações de trabalho e fomenta a concorrência entre os próprios trabalhadores (OLIVEIRA; CARELLI; GRILLO, 2020).

Nesse cenário, os entregadores de aplicativos expressam de forma exemplar as contradições do trabalho sob a racionalidade neoliberal. Apresentados pelas plataformas como trabalhadores autônomos, livres e empreendedores de si mesmos, esses sujeitos vivenciam, na prática, jornadas extensas, remunerações instáveis e intensa subordinação aos mecanismos algorítmicos de controle, avaliação e punição. A promessa de autonomia se converte, assim, em uma forma sofisticada de exploração, marcada pela transferência dos riscos e dos custos do trabalho para o próprio trabalhador, ao mesmo tempo em que se preserva a maximização dos lucros das empresas-plataforma (ANTUNES, 2020; ABÍLIO, 2020).

#### **4. RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA E A RACIONALIDADE NEOLIBERAL**

A partir dos conceitos de figuração e de relações de interdependência desenvolvidos por Norbert Elias, torna-se possível compreender o trabalho dos entregadores de aplicativos para além da aparência de autonomia individual difundida pelo discurso neoliberal. Ainda que esses trabalhadores sejam apresentados como sujeitos livres, empreendedores e independentes, sua inserção no trabalho plataformizado revela uma complexa rede de interdependências que os vincula às empresas de tecnologia, aos algoritmos, aos consumidores e às dinâmicas mais amplas do mercado capitalista contemporâneo. Trata-se, portanto, de uma figuração específica, historicamente situada, na qual diferentes agentes ocupam posições desiguais de poder.

Além disso, o labor dos entregadores de aplicativos pode ser compreendido como uma figuração específica, composta por diferentes polos interdependentes, mas desigualmente posicionados. Nessa rede relacional, o entregador depende da plataforma digital para acessar o trabalho, do algoritmo para a distribuição das corridas, definição da remuneração e avaliação de desempenho, e dos consumidores, cujas notas e reclamações impactam diretamente sua permanência na plataforma. Soma-se a isso a relação com outros entregadores, marcada menos pela cooperação e mais pela concorrência permanente, incentivada pela própria lógica da plataforma. Essa figuração evidencia que, embora o discurso dominante enfatize a autonomia individual, o trabalho plataformizado se estrutura a partir de cadeias complexas de interdependência, atravessadas por profundas assimetrias de poder.

Sob essa perspectiva, a figuração formada pelas plataformas digitais evidencia um deslocamento das formas tradicionais de subordinação sem, contudo, eliminá-las. Ao contrário, as relações de dependência são reorganizadas e, em muitos casos, aprofundadas. Os entregadores dependem do acesso à plataforma para trabalhar, da lógica algorítmica que distribui as corridas, define ganhos e impõe sanções, bem como das avaliações dos consumidores, que passam a exercer uma forma difusa de controle sobre o trabalho. Essas interdependências, embora frequentemente invisibilizadas pelo discurso da autonomia, estruturam de maneira decisiva as condições concretas de existência desses trabalhadores.

Nesse sentido, a racionalidade neoliberal opera como um elemento central na reconfiguração dessas figurações sociais. Ao estimular a concorrência permanente entre os entregadores, a lógica neoliberal enfraquece os vínculos coletivos e reforça a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso no trabalho. Cada trabalhador é incitado a se autogerir, a se adaptar às exigências da plataforma e a internalizar as normas de desempenho impostas externamente, num processo que remete diretamente ao que Elias descreve como a intensificação do autocontrole nas sociedades marcadas por cadeias de interdependência cada vez mais longas e complexas (ELIAS, 2005).

Dessa forma, a subjetivação neoliberal se articula às relações de interdependência ao produzir sujeitos que percebem sua condição de trabalho como resultado exclusivo de escolhas individuais, ocultando os condicionantes estruturais que moldam suas trajetórias. O controle exercido pelas plataformas não se dá apenas por meios técnicos ou econômicos, mas também por mecanismos simbólicos e afetivos, como o medo da desativação, a busca por melhores

avaliações e a expectativa de reconhecimento, elementos que reforçam a adesão dos trabalhadores à lógica concorrencial. Assim, a dominação se torna mais difusa, internalizada e difícil de ser identificada como tal.

À luz da sociologia de Norbert Elias, pode-se afirmar que o trabalho dos entregadores de aplicativo expressa uma figuração marcada por fortes assimetrias de poder, na qual a interdependência não implica igualdade, mas sim relações desiguais e hierarquizadas. A autonomia proclamada pelo discurso neoliberal revela-se, portanto, profundamente limitada, uma vez que esses trabalhadores permanecem inseridos em cadeias de dependência que condicionam suas práticas, seus rendimentos e suas possibilidades de ação coletiva. Compreender essas dinâmicas permite tensionar a narrativa dominante sobre o trabalho plataformizado e evidenciar que, mesmo em contextos de aparente individualização extrema, a vida social continua sendo estruturada por relações de interdependência historicamente construídas.

### **3 PRINCIPAIS RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permite identificar um conjunto de resultados teórico-analíticos centrais para a compreensão do trabalho dos entregadores de aplicativos sob a racionalidade neoliberal, a partir de uma leitura ancorada na sociologia de Norbert Elias. Ainda que o trabalho não se baseie em pesquisa empírica direta, os resultados aqui apresentados decorrem da articulação crítica entre categorias clássicas da sociologia e a literatura contemporânea sobre trabalho plataformizado, revelando padrões estruturais, relacionais e subjetivos que caracterizam essa forma de inserção laboral.

O primeiro resultado refere-se à desnaturalização da autonomia atribuída aos entregadores de aplicativos. A partir do conceito de figuração, foi possível demonstrar que a narrativa do trabalhador autônomo e empreendedor de si mesmo encobre uma configuração social específica, na qual os entregadores se encontram inseridos em cadeias densas e assimétricas de interdependência. Essas cadeias articulam plataformas digitais, algoritmos, consumidores, concorrentes diretos e o próprio Estado, configurando um arranjo no qual o poder decisório se concentra nas empresas-plataforma, enquanto os riscos, os custos e a instabilidade recaem sobre os trabalhadores. Assim, a autonomia proclamada pelo discurso neoliberal revela-se mais simbólica do que efetiva, operando como um mecanismo ideológico de ocultamento das relações de subordinação.

Um segundo resultado diz respeito à reconfiguração das formas de controle no trabalho. A análise evidencia que, no trabalho plataformizado, o controle não desaparece, mas se transforma. Em vez da supervisão direta típica do trabalho assalariado clássico, emerge um controle algorítmico, difuso e permanente, exercido por meio da distribuição das corridas, dos sistemas de avaliação, das métricas de desempenho e da ameaça constante de desativação. À luz da sociologia eliasiana, esse processo pode ser interpretado como parte do alongamento e da complexificação das cadeias de interdependência, nas quais o controle externo tende a se converter em autocontrole. Os entregadores internalizam normas, ritmos e expectativas impostas pela plataforma, ajustando sua conduta para atender a critérios que muitas vezes não são transparentes, mas que afetam diretamente suas possibilidades de sobrevivência econômica.

O terceiro resultado central refere-se à articulação entre interdependência e subjetivação neoliberal. O trabalho demonstrou que a racionalidade neoliberal atua como um elemento estruturante dessa figuração social ao fomentar a concorrência permanente entre os próprios entregadores, enfraquecendo vínculos coletivos e dificultando formas de solidariedade e organização. A interdependência, nesse caso, não produz cooperação, mas competição, uma vez que os trabalhadores disputam entre si melhores avaliações, maior número de corridas e posições privilegiadas nos sistemas algorítmicos. Esse processo reforça a responsabilização individual pelo sucesso ou fracasso no trabalho, deslocando para o sujeito a culpa pela precariedade das condições laborais e obscurecendo os condicionantes estruturais que moldam essa experiência.

Outro resultado relevante diz respeito à assimetria de poder nas figurações do trabalho plataformizado. A análise evidenciou que, embora todos os agentes envolvidos — plataformas, entregadores, consumidores e algoritmos — sejam interdependentes, essa interdependência é profundamente desigual. As plataformas concentram poder econômico, tecnológico e informacional, definindo unilateralmente as regras do jogo, enquanto os entregadores ocupam posições frágeis e substituíveis na figuração. Essa assimetria se expressa não apenas na dimensão material, mas também no plano simbólico, por meio da produção de discursos que legitimam a precarização e naturalizam a ausência de direitos trabalhistas.

Por fim, os resultados do artigo indicam que a sociologia de Norbert Elias oferece aportes relevantes para o debate crítico sobre o trabalho plataformizado ao permitir compreender essas dinâmicas como processos sociais de longa duração, e não como fenômenos isolados ou meramente tecnológicos. A noção de figuração possibilita apreender o trabalho dos entregadores como parte de uma configuração histórica específica do capitalismo neoliberal, enquanto o conceito de interdependência contribui para tensionar leituras excessivamente individualizantes, evidenciando como a dominação se reproduz por meio de relações sociais complexas, internalizadas e historicamente construídas.

Em conjunto, esses resultados reforçam a necessidade de analisar o trabalho plataformizado para além da oposição simplista entre autonomia e subordinação, evidenciando como o neoliberalismo reorganiza as formas de exploração, controle e subjetivação sem romper com as estruturas fundamentais de desigualdade que caracterizam o capitalismo contemporâneo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar o trabalho dos entregadores de aplicativos a partir de uma leitura ancorada na sociologia de Norbert Elias, mobilizando os conceitos de figuração e de relações de interdependência como ferramentas analíticas para compreender as formas contemporâneas de organização, controle e dominação do trabalho sob a racionalidade neoliberal. Ao longo do texto, argumentou-se que a aparente autonomia atribuída a esses trabalhadores encobre uma rede complexa de dependências sociais, marcada por profundas assimetrias de poder, que condicionam tanto as condições materiais de trabalho quanto as dimensões subjetivas da experiência laboral.

A partir da noção de figuração, foi possível evidenciar que o trabalho plataformizado não pode ser compreendido como resultado de escolhas individuais isoladas, mas como parte de uma configuração social historicamente situada, na qual plataformas digitais, algoritmos, consumidores, Estado e os próprios entregadores se articulam em cadeias de interdependência desiguais. Nessas cadeias, as plataformas concentram poder decisório e controle sobre o trabalho, ao passo que os entregadores assumem os riscos, os custos e a instabilidade, permanecendo subordinados a mecanismos de gestão algorítmica frequentemente invisibilizados pelo discurso da autonomia.

Nesse sentido, a articulação entre a sociologia de Norbert Elias e as contribuições críticas sobre a racionalidade neoliberal permitiu aprofundar a compreensão dos mecanismos de dominação que operam no trabalho plataformizado. Se a crítica marxista é fundamental para revelar a intensificação da exploração e a transferência dos riscos para os trabalhadores, a abordagem eliasiana contribui ao iluminar os processos relacionais e subjetivos que sustentam essas dinâmicas no cotidiano. A racionalidade neoliberal, ao incentivar a concorrência permanente e a responsabilização individual, reforça processos de subjetivação e autocontrole que levam os trabalhadores a internalizar as exigências impostas pelas plataformas como escolhas pessoais, convertendo o controle externo em autocontrole.

Dessa forma, o trabalho dos entregadores de aplicativos expressa uma figuração social na qual a interdependência não implica igualdade, mas sim relações hierarquizadas e assimétricas de poder. A autonomia proclamada pelo discurso neoliberal revela-se, portanto,

profundamente limitada, uma vez que esses trabalhadores permanecem inseridos em redes de dependência que condicionam suas práticas, seus rendimentos e suas possibilidades de organização coletiva. Ao evidenciar essas dinâmicas, o artigo buscou tensionar a narrativa dominante sobre o trabalho plataformizado e reafirmar que, mesmo em contextos de aparente individualização extrema, a vida social continua sendo estruturada por relações de interdependência historicamente construídas.

Por fim, reconhece-se que o caráter teórico-analítico deste trabalho impõe limites à análise desenvolvida, abrindo espaço para investigações futuras que aprofundem empiricamente as figurações aqui discutidas. Estudos que explorem as experiências concretas dos entregadores, suas formas de sociabilidade, resistência e organização coletiva podem contribuir para ampliar a compreensão das transformações contemporâneas do trabalho e das possibilidades de ação social no interior dessas configurações. Ainda assim, acredita-se que a abordagem eliasiana oferece importantes aportes para o debate crítico sobre o trabalho plataformizado, ao permitir compreender como dominação, subjetivação e interdependência se articulam nas formas atuais de exploração do trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Sem maquiagem: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 34, n. 98, p. –, 2020.

ABÍLIO, Ludmila Costhek; AMORIM, Henrique; GROHMANN, Rafael. **A uberização do trabalho e as novas formas de controle**. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. \_\_, n. \_\_, p. –, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. **Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo**. In: ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. –.

CARELLI, Rodrigo de Lacerda. **O trabalho em plataformas e o vínculo de emprego: desfazendo mitos e mostrando a nudez do rei**. In: CARELLI, Rodrigo de Lacerda; CAVALCANTI, Tiago Muniz; FONSECA, Vanessa Patriota da (org.). **Futuro do trabalho: os efeitos da revolução digital na sociedade**. Brasília: ESMPU, 2020. p. –.

ELIAS, Norbert. **Escritos e ensaios 1: Estado, processo, opinião pública.** Tradução de Sérgio Benevides et al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia.** Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2005.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público.** São Paulo: Boitempo, 2024.

OLIVEIRA, Murilo Carvalho Sampaio; CARELLI, Rodrigo de Lacerda; GRILLO, Sayonara. **Conceito e crítica das plataformas digitais de trabalho.** *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. –, 2020.

SANVICENTE, Elisa (org.). **Entrevista com Christian Laval: novo neoliberalismo, autoritarismo e os novos caminhos do sindicalismo.** *Revista Teoria Jurídica Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 318–336, jan./jun. 2019. Tradução de Rodrigo Carelli.